

## O Discurso e as Transformações Sociais

### *Discourse and Social Transformations*

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2013v47n2p184>

**José Rosamilton de Lima e Ivaldo Oliveira Santos**

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Natal/RN, Brasil*

Neste trabalho pretende-se mostrar como surgiu a Análise do Discurso Francesa. Aborda-se, assim, as diferentes fases desse campo linguístico desde o seu surgimento e a sua importância para subsidiar estudos relacionados ao discurso, em uma perspectiva de proporcionar um grande poder de transformação social. A base teórica deste artigo respalda-se principalmente em Foucault (2008a; 2008b), Orlandi (2007) e Mazière (2007). Destaca-se a relevância do discurso como representação de uma linguagem viva, ativa, capaz de promover transformações sociais. Argumenta-se que o discurso é a língua posta em funcionamento por sujeitos que produzem sentidos numa dada sociedade, e que o sujeito discursivo é um ser inserido em um espaço coletivo, cuja existência se dá em um espaço social e ideológico em um determinado momento histórico. Portanto, quando o indivíduo nasce os discursos já estão em andamento, em cujo processo ele deve entrar.

**Palavras-chave:** discurso - sociedade - linguagem - sujeito discursivo.

*This paper intends to show how the French Discourse Analysis has arisen. It tackles the different phases of development of this linguistic field since its emergence as a theory as well as its importance to subsidize studies related to discourse, in the perspective of providing a great power for social change. The theoretical basis of this article is mainly founded on Foucault (2008a, 2008b), Orlandi (2007) and Mazière (2007). It highlights the relevance of discourse as a representation of a living language, which is active and able to promote social changes. It is also argued that discourse is the language put into operation by persons who produce meanings in a given society, and that the discursive subject is human being, whose existence takes place in a social and ideological space in a given time of history. Therefore, when the individual is born discourses are already in progress, a process of which he or she must take part.*

**Keywords:** discourse □ society - language - discursive subject.

## Considerações iniciais

Neste trabalho, apresentamos uma breve história da Análise do Discurso (doravante AD) na vertente francesa, comentando sobre cada uma das três fases que ocorreram desde o seu surgimento em 1969. Ademais, enfatizamos a quarta fase da AD, em que o discurso é uma forma de intervenção na sociedade. O discurso, por meio dos mecanismos linguísticos, utilizados com a finalidade de persuadir o leitor, pode alcançar um poder transformador. Isso pode ocorrer porque existe a possibilidade de que o receptor se identifique com a informação veiculada, tome uma posição favorável (ou não) do que se vê, lê ou escuta, buscando a credibilidade para prosseguir seu pensamento. Assim, é possível que se levem adiante ideias a respeito de diversificados assuntos, colocando a subjetividade na propagação de uma informação.

Nas últimas décadas, a AD tem se estabilizado em diversas partes do mundo, ganhando cada vez mais espaço no campo das ciências sociais. A AD surgiu a partir da linguística, do neomarxismo e da psicanálise de Lacan. Em nosso país, várias pesquisas têm se desenvolvido dentro da AD. As pesquisas nesse campo linguístico vêm se intensificando, pois, com base em Orlandi (2007), esta abordagem específica de teorização e proposições metodológicas sobre o discurso permite o estudo de conteúdos relacionados à linguagem, à história e à participação de um sujeito na sociedade, como forma de interação e transformação social.

## 1. A fundação da Análise do Discurso francesa

Segundo Costa (2005), Michel Pêcheux destaca três épocas pelas quais teria passado a AD francesa, desde a sua constituição, nos fins da década de 1960, até o início dos anos 1980. A primeira, iniciada em 1969, teve a finalidade de construir um dispositivo capaz de produzir a leitura automática de um conjunto de discursos previamente selecionados e organizados, segundo critérios que garantissem homogeneidade e estabilidade no que diz respeito às circunstâncias históricas e sociais de produção. Esse *corpus* era chamado de arquivo. É proposta, então, uma teoria do discurso direcionada ao texto, à leitura e ao sentido.

O discurso é visto como "uma máquina autodeterminada e fechada sobre si mesma, de tal modo que um sujeito-estrutura determina os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que "utilizam" seus discursos quando na verdade são seus "servos" assujeitados, seus "suportes" (COSTA, 2005, p.18).

Como podemos ver, o sujeito é inconsciente e ainda é um sujeito preso à estrutura; ele não é o senhor de seu dizer, é levado a assumir lugares preestabelecidos em seu interior e a obedecer a regras que podem ser linguísticas, modais, etc., e que o obrigam a falar de uma forma ou de outra, levando em consideração o lugar em que está inserido.

No que diz respeito ao discurso, este não deveria ser analisado como sendo somente uma sequência linguística fechada em si mesma. Ele precisa ser relacionado ao conjunto de discursos possíveis e remetido às relações de sentido nas quais é produzido, já que as propostas iniciais da AD estão preocupadas com os condicionamentos da produção discursiva, o que os leva a eliminar de suas pesquisas as produções mais espontâneas como a linguagem do cotidiano e a conversação mundana. Conforme Orlandi (2007), o discurso é o lugar do trabalho da língua e da ideologia, pois segundo ela, todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa, ou seja, nas palavras do sujeito.

Devido à influência do neomarxismo que concentrava grande preocupação com as relações de classes sociais, o objeto preferido pelos analistas dessa época é o discurso político que estava presente nos manifestos ou regimentos dos partidos e forças políticas em disputa. Costa (2005) afirma que, para Pêcheux, o instrumento da prática política é o discurso. O discurso político pode ser um campo onde vários discursos semelhantes se alojam. Esses discursos se assemelham pelo objeto de suas análises, embora possam ter divergências quanto à sua interpretação. Dentro desse campo, podemos fazer recortes menores, a fim de abstrairmos maiores semelhanças entre os discursos. No marxismo, sob uma perspectiva althusseriana, há uma teoria não-subjetiva da subjetividade, isto é, um sujeito que é interpelado pela ideologia; ele é convocado a ser sujeito. Na verdade, o que se defende é que não há sujeito em si, ele é uma produção da ideologia. No entanto, os analistas do discurso dessa fase se limitavam a traçar um perfil um tanto superficial, que consistia em fazer aparecer, na materialidade discursiva, os índices linguísticos reveladores de pontos de vista ideológicos que se confrontam e que, por sua vez, refletem elementos da estrutura social.

Nessa perspectiva, recusa-se a concepção de linguagem como instrumento de comunicação. Costa (2005) ainda acrescenta que, segundo Pêcheux, a linguagem tem relação com o político e com o histórico. Sua preocupação era estabelecer um elo entre o discurso e a prática política que passa pela ideologia. Assim, o sujeito é interpelado pela ideologia, é um sujeito assujeitado. O sujeito é uma espécie de fantoche, não se sabe de onde vem o discurso. O que prevalece nessa fase é a grande dominação da elite sobre a massa. O discurso é produzido pela classe social e o indivíduo é o produto.

Segundo as ideias neomarxistas, defendia-se a ciência como um discurso imune à ideologia, que possibilitasse a superação dos preconceitos advindos de interesses imediatos e mesquinhos individuais ou de classe, acreditando que o discurso científico não seria um discurso do sujeito. No momento em que se fala, é revelada a ideologia, não há sujeito livre; ele não tem autonomia para controlar o sentido do que está sendo dito. Consequentemente, as classes dominadas necessitam de um instrumento científico capaz de tomar consciência de si, para compreender a sua condição, a sua constituição, a sua estrutura e as suas possibilidades para atingir certo estágio de maturação, com a finalidade de superar, revolucionariamente, sua situação de opressão.

Nessa fase, podemos constatar que cada processo discursivo é gerado por uma máquina discursiva, sendo que diferentes processos discursivos referem-se a diferentes máquinas discursivas. Podemos afirmar que é explorada a análise de discursos poucos polêmicos, por permitirem uma menor abertura para a variação do sentido, devido a um maior silenciamento do outro que tanto pode ser o discurso quanto o sujeito.

Quando Michel Pêcheux lançou, em 1969, o livro *Análise Automática do Discurso*, a Formação Discursiva (doravante FD) era vista como um bloco homogêneo, em que o sujeito era universal, sendo identificado pela marca da formação da qual ele pertencia, isto é, a ideologia era pensada como idêntica

a si mesma. Nessa fase, havia o interesse de se fazer análise com base na automação, em uma sequência do discurso, pois era escolhida uma palavra pivô e esperava-se que o computador expusesse as regularidades discursivas. Portanto, tentava-se homogeneizar o *corpus*, que, neste caso, o objeto de análise era prioritariamente o discurso político.

Em suma, nessa fase só era estudado o discurso político. Pêcheux procurou desenvolver uma teoria que explicasse o processo de produção de sentido na e pela linguagem, articulando língua e história. Era um modelo de AD baseado nas línguas artificiais, pois se desenvolvia uma análise automática com o uso do computador como ferramenta para identificar as regularidades do discurso.

## 2. A formação discursiva e a segunda fase da AD

A segunda fase da AD se caracteriza pelos discursos neomarxistas. Vai em busca da FD, que não é formada apenas pela estrutura de classe, ou seja, não se resume apenas à estrutura linguística. Existe, então, uma teoria autônoma que busca uma determinada compreensão do homem por meio da linguagem. Há a possibilidade de buscar, no contexto de outros textos, a construção do sentido. É feita uma reprodução do sujeito moderno, daquele que toma o discurso dando-lhe uma resposta. Dessa forma, o sujeito é autônomo e tem a capacidade de reconhecer o discurso.

Nessa fase, há o papel destabilizador de Foucault (2008a) que conceitua a FD como não sendo um espaço estrutural fechado, mas como algo que é invadido por elementos que vêm de outros lugares, ou seja, de outras FDs. Ele conceituou a FD como um espaço de contradição e confronto em que o sujeito não migra de uma formação para outra, e a produção de sua identidade se dá como resultado desses entrecruzamentos das diferentes FDs. Nessa ocasião, podemos dizer que a FD é constantemente invadida pelo seu outro e, assim, a ideologia é pensada como não idêntica a si mesma, conceito que prevalece até hoje.

Com base em Foucault (2008a), compreendemos que a FD é aquilo que determina, por meio de uma posição dada, numa conjuntura sócio-histórica de uma determinada época, aquilo que pode e deve ser dito. Assim, ela não é um espaço estrutural fechado, pois é constantemente invadida por elementos que vêm de outros lugares, de outras FDs. “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada □ ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada □ determina o que pode e deve ser dito □ (ORLANDI, 2007, p. 43). As palavras derivam o sentido das FDs de que elas provêm, desloca-se o conceito de imanência, exterioriza-se o sentido da palavra além da linguagem.

Desse modo, toda identidade do discurso constitui-se de construções feitas pelo próprio discurso, por isso permeável de deslocamentos de sentidos. Quando um discurso é proferido, ele já nasce filiado a uma rede tecida por outros discursos com semelhantes escolhas e exclusões. Essas ideias de Foucault

(2008a) sobre FD começam a fazer implodir a noção de maquinaria estrutural fechada, isso porque ela está em relação contrária com seu exterior.

O discurso não é uma estrutura arquitetônica pronta, mas em constante construção, desejada, talvez; epistemologicamente a apreensão do discurso não pode ser, em consequência dessa inexistência, a reconstrução dessa estrutura como um simulacro do mesmo (COSTA, 2005, p. 25).

Como podemos ver, o discurso é um todo organizado, mas não fechado, há espaço para que novos e outros sentidos se formem. O discurso se renova à medida que se entrelaça nos outros. É por isso que o sentido do discurso não é a única prioridade, já que a unidade é construída pela interação verbal, que é histórica e mantém relação com a prática discursiva do sujeito. Há a instância puramente ideológica onde se congregam grupos sociais de dominantes e dominados. Segundo Brandão (2004, p. 46) □o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, isto é, é um dos aspectos materiais da □existência material□das ideologias□

Nessa fase, a história é privilegiada como interdisciplina. □A história, sob a forma do texto histórico, foi um dos primeiros objetos da AD, e os historiadores, desde o início, colaboraram enormemente para o estabelecimento de suas categorias□(MAZIÈRE, 2007, p. 89). Devido à afinidade com essa disciplina, os analistas do discurso realizam suas pesquisas tendo por base manifestos, discursos orais arquivados, panfletos, etc., que formavam um *corpus* de caráter documental, marcado por determinadas condições históricas de produção e isso proporcionava maior consistência e coerência teórica para a análise. Consequentemente, houve na AD dessa época uma grande participação de historiadores. O historiador do discurso tem por objeto

[...] configurações textuais de acontecimentos emancipadores, ali onde se autolegitimam porta-vozes, distintos dos objetos legitimados *a priori*, logo, sempre deslocalizados em relação a um posicionamento inicial (MAZIÈRE, 2007, p. 99).

Convém destacarmos que o papel do analista do discurso é descrever como o espaço de uma FD foi atravessado por outras FDs, buscando estabelecer as regras de cada uma. O objeto de análise são as relações entre as máquinas discursivas. O sujeito passa a ser concebido como aquele que desempenha diferentes papéis de acordo com as várias posições que ocupa no espaço interdiscursivo. Ele, ocupando o lugar no interior de uma formação social, é dominado por uma determinada formação ideológica que preestabelece as possibilidades de sentido de seu discurso.

Na análise de discurso, não se toma o texto como ponto de partida absoluto (dadas as relações de sentidos) nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discurs-

sivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso (ORLANDI, 2007, p. 72).

A FD determina o que pode e o que deve ser dito a partir de um determinado lugar social. □Uma FD é constituída por um sistema de paráfrases, já que é um espaço onde enunciados são retomados e reformulados sempre □num esforço constante de fechamento de suas fronteiras em busca da preservação de sua identidade□ (MUSSALIM, 2006, p. 119).

Como podemos ver, uma FD é sempre invadida por elementos que vêm de outros lugares, de outras FDs, por isso ela não pode mais ser concebida como um espaço estrutural fechado. Nessa perspectiva, o espaço de uma FD é atravessado por discursos que vieram de outro lugar, de uma construção anterior e exterior e que são incorporados por ela numa relação de confronto ou aliança.

Devemos considerar que o fechamento da maquinaria ainda é conservado, pois a presença do outro é sempre concebida a partir do interior da FD em questão. Dessa maneira, o objeto de análise passará a ser as relações entre as □máquinas□discursivas. Praticamente não há inovações aos procedimentos de análise porque, em relação a AD da primeira fase, é visível somente uma pequena diferença com relação ao objeto de análise que é composto de discursos menos estabilizados, por serem produzidos a partir de condições de produções menos homogêneas.

Portanto, nessa fase, a FD é vista como um espaço de contradição e de confronto, ela é constantemente invadida pelo seu outro. A ideologia é pensada como não idêntica a si mesma, é contraditória, e, assim, uma FD é invadida por outras FDs.

### **3. O declínio do estruturalismo e a terceira fase da AD**

Praticamente, em meados da década de 1980, houve um desmoronamento do estruturalismo por parte dos linguistas que criticavam as obras de Saussure, sendo que a AD contribuiu para que isso ocorresse. A partir daí, surge a terceira fase da AD, que traz, junto e com mais consistência, uma série de críticas a respeito da teoria e prática das fases anteriores. Essa fase se caracteriza pela definitiva desconstrução das maquinarias discursivas em que o primado teórico do outro sobre o mesmo faz com que se intensifique a crise da noção de máquina discursiva estrutural.

Vejam os principais críticas baseadas em alguns autores franceses e brasileiros enumeradas por Costa (2005): a) relação semântica entre textos e suas condições de produção; b) o discurso como arma de dominação; c) eliminação da heterogeneidade dos mecanismos que atuam nas produções de linguagem; e d) esforço exagerado para evitar que o sujeito de consciência volte pelas frinchas deixadas abertas por eventuais defeitos estruturais.

Nessa ótica, esta fase consiste em uma crítica às fases anteriores, isso deixa evidente que faz parte da própria natureza da teoria como sendo uma formação que tem a preocupação e o cuidado de eliminar erros mais graves.

Na verdade, trata-se de uma fase de produção teórica, o que é realmente a AD, ocorre uma autocrítica. Surge aí a ideia de dominação de forma mais ampliada e fluida, que está em toda parte e é manifestada nas diversas estruturas sociais, visto que em um ambiente o indivíduo pode ser dominado e já em outro ele passa a ser o dominante.

Segundo Costa (2005), nesta fase, há a influência de três linhas de pensamento. A primeira linha de pensamento é o dialogismo do círculo de Bakhtin, em que a linguagem é vista como um fenômeno essencialmente dialógico. O sujeito do discurso utiliza sempre as palavras dos outros e utiliza-as ora passivamente, ora ativamente. A segunda linha é a teoria do inconsciente, apoiada na leitura lacaniana de Saussure e de Freud. Destaca-se aqui que o sujeito falante não é uma entidade homogênea exterior à linguagem, mas o resultado de uma estrutura complexa, efeito da linguagem. Na perspectiva da psicanálise, principalmente, com base em Freud, considera-se a incompletude da linguagem o ponto onde ela se faz sentido. Nessa fissura, o sujeito proporciona sentido às coisas, nega-se o sujeito da razão e trabalha-se com o inconsciente. Por fim, a terceira linha de pensamento é o primado do interdiscurso com base nas ideias de Dominique Maingueneau, nas quais ele destaca duas interpretações uma fraca e uma forte. A fraca indica que o estudo da especificidade de um discurso supõe analisá-lo em sua relação com outros, enquanto a hipótese forte postula, além disso, que é a relação interdiscursiva que estrutura a identidade de um discurso.

Costa (2005) menciona o conceito que o referido autor formula sobre universo, campo e espaço discursivo. O universo discursivo compreende o conjunto de FDs de todos os tipos interagindo em uma dada conjuntura. Campos discursivos é o conjunto de FDs em concorrência, delimitando-se, reciprocamente, em uma região determinada do universo discursivo. E, já os espaços discursivos são subconjuntos de FDs, cuja inter-relação o analista julga pertinente analisar.

O campo discursivo não é uma estrutura estática, mas um jogo de equilíbrio instável. Ao lado das transformações locais, existem momentos em que o conjunto do campo entra em uma nova configuração. Ele também não é de forma alguma homogêneo: há posicionamentos *dominantes* e *dominados*, posicionamentos *centrais* e *periféricos*. Um posicionamento □dominado□ não é necessariamente □periférico□ mas todo posicionamento □periférico□ é □dominado□ (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2006, p. 92-93, itálico no original).

Nessa perspectiva, os teóricos da AD passaram a analisar o funcionamento da linguagem através da ideologia e a sua passagem na materialização da linguagem para estruturá-la no processo de significação. Dessa forma, a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Assim, não há sujeito sem ideologia, o indivíduo é interpelado pela ideologia para que se produza o dizer. □A formação ideológica tem necessariamente como um

de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa dizer que os discursos são governados por formações ideológicas” (BRANDÃO, 2004, p. 47).

#### 4. A quarta fase da AD

Costa (2005) aponta uma quarta época da AD em que se clama pela restauração do sujeito que foi assassinado por várias perspectivas teóricas, inclusive pela própria AD. Segundo esse autor, essa é a fase em que se prioriza a prática. Há um assujeitamento de forma relativa, pois leva em conta graus de assujeitamento que vão depender nas diversas instâncias da sociedade. De qualquer modo, nunca é absoluto. O texto deve ser pensado como uma ligação da cadeia do fluxo ininterrupto que é a linguagem. O discurso é um processo em curso. Ele não é um conjunto de textos, mas uma prática, uma forma de intervenção no mundo.

O discurso constitui o objeto central das pesquisas, que se organizam em torno de três eixos: “os instrumentos para uma pesquisa interdisciplinar”, “comunicação e discurso político e social” e “a construção de saberes: gêneros de discurso e instituições” (MAZIERE, 2007, p. 103).

A prática discursiva é a prática de sujeitos que só se constituem enquanto tal porque vivem em sociedade; portanto, o primado da prática é também primado do interdiscurso. Os sujeitos não apenas são singulares e sociais, mas também são capazes de intervir no mundo, construindo, destruindo ou lutando para manter instituições. O estudo da discursividade deve perseguir a articulação radical entre uma prática enunciativa e lugar social dos sujeitos dessa prática. Dessa forma, o sujeito pode migrar, romper para outra FD. Por sua vez, ela determina o que pode e deve ser dito; não há sentido em si mesmo, o sentido é determinado pelo lugar social, ou seja, uma FD é tudo o que pode ser dito em uma conjuntura histórica.

Vale ressaltar que a AD surgiu praticamente dentro do estruturalismo, concebendo a língua como estrutura e a língua empírica dos grupos sociais ou da ação linguística que obrigava a repensar continuamente sua oposição, sua articulação, para não falar de sua relação. A AD tinha como finalidade ser instrumento de luta política, questionando a veracidade que está implícita nos discursos dos políticos oportunistas, como ferramenta de poder, de dominação, de quem se apropriava da palavra. No caso dos políticos, a finalidade é tornar-se um grupo em força hegemônica. A língua não é vista somente como um sistema abstrato, mas com pessoas se comunicando, debatendo, expressando suas opiniões, posicionando-se por meio do discurso. Por esse prisma, a produção de sentidos é parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade.

A Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana (ORLANDI, 2007, p. 15).

De acordo com Costa (2005), Pêcheux tinha a intenção de intervir teórica e cientificamente no campo das ciências sociais, mais especificamente no campo da psicologia social. As ciências sociais estão na extensão das ideologias que se desenvolveram em contato com a prática política, cujo instrumento é o discurso. Sua ideia era a de produzir um espaço de reflexão que colocasse em discussão a prática elitista. O projeto da AD tem um propósito político e a linguística oferece meios para abordar a política.

Ainda segundo Costa (2005), na concepção de Pêcheux, a AD nasceu a partir de três disciplinas. A história, que serve para explicar os fenômenos das formações sociais; a linguística para explicar os processos de enunciação; e, por fim, a teoria do sujeito que serve para expressar a subjetividade e a relação do sujeito com o simbólico. Assim, o discurso é um objeto de estudo que não tem fronteiras definidas. Ele é tridimensional, pois está na intersecção do linguístico, do histórico e do ideológico.

Diferentes filiações de sentidos remetendo-as a memórias e a circunstâncias que mostram que os sentidos não estão só nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos e que não dependem só das intenções dos sujeitos (ORLANDI, 2007, p. 29).

Com base em Orlandi (2007), a concepção de discurso na AD é uma prática, uma ação do sujeito sobre o mundo. Por isso, sua aparição deve ser contextualizada como um acontecimento, pois se fundamenta em uma interpretação e constrói uma vontade de verdade. Quando pronunciamos um discurso, agimos sobre o mundo, marcamos uma posição, ora selecionando sentidos, ora excluindo-os no processo interlocutório.

## **5. O discurso e as transformações sociais**

Nas pesquisas mais recentes, estudiosos buscam uma compreensão do fenômeno da linguagem não mais centrado somente na língua, mas em um nível situado fora desse polo da dicotomia de Saussure, língua e fala, em que a língua é o objeto por excelência da linguística. E essa instância da linguagem é o discurso, que tornará possível operar o elo necessário entre o nível propriamente linguístico e o extralinguístico.

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito a propósito de tudo, isso se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2008b, p. 49).

Podemos afirmar, então, que as manifestações sociais surgem através do discurso que expressa o sentimento por meio da linguagem que está além da estrutura da língua. Tomamos, por exemplo, o período em que houve uma grande expansão do discurso nas ruas e nos meios de comunicação, havendo assim a utilização de uma linguagem viva, ativa, capaz de promover transformações sociais de fundamental importância na vida das pessoas. Nas universidades ocorreu uma preocupação em aprofundar os estudos sobre as manobras discursivas, visto que a luta de classe tinha uma predominância na teoria.

Nesse contexto, segundo Costa (2005), Pêcheux apresenta o discurso como objeto de análise. Esse elemento diferencia-se tanto da língua quanto da fala. Não é a mesma coisa que transmissão de informação, nem é um simples ato do dizer. O discurso implica uma exterioridade, a língua que se encontra no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística, ou seja, o discurso tomado como objeto de análise não é a língua, nem o texto, nem a fala, porém necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Então, o discurso é a língua posta em funcionamento por sujeitos que produzem sentidos numa dada sociedade.

A análise de discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura (ORLANDI, 2007, p. 26).

Partindo dessa ótica, é evidente que a AD se interessa em compreender o discurso como forma de significação da língua atuante na sociedade com grande influência sobre os sujeitos que interagem e são responsáveis pela constituição de organização da mesma. Assim, na concepção de Orlandi (2007), o discurso é uma prática social que se exterioriza do enunciado. Ele é constituído de enunciados que pertencem a um saber de uma determinada época, sendo um lugar onde se entrecruzam filiações a memórias e que, retomadas, sempre deslocam sentidos. As palavras adquirem sentidos a partir das FDs que elas provêm. O sentido é interpretado a partir da posição do sujeito. O discurso só existe por meio da interpretação da relação do leitor com o texto, isto é, ele é efeito de sentido entre os interlocutores que se materializa no texto.

É por meio do discurso que podemos exercer qualquer tipo de poder ou de influência, que servem como atividades de controle social. Isso ocorre por-

que somos sujeitos imersos na sociedade e na história. Aliás, é por meio dos discursos que produzimos reflexos do nosso convívio no meio sociocultural. Todo discurso é histórico e ideológico, tendo a regulação de uma prática, como as práticas sociais em geral. As nossas práticas sociais são formadas a partir das informações que recebemos, e, portanto, a identidade está sempre em processo contínuo.

A AD, no que se refere à gramática, não trata da coordenação e de suas regras, mas pode analisar o sentido e os efeitos das ocorrências de discursos que produziram sentidos e tiveram efeito sobre a sociedade. □Ela não separa o enunciado nem de sua estrutura linguística, nem de suas condições de produção, de suas condições históricas e políticas, nem das interações subjetivas. Ela dá suas próprias regras de leitura, visando permitir uma interpretação □(MAZIÈRE, 2007, p.13).

O termo *discurso* é utilizado quando vamos analisar não apenas as características que dizem respeito aos aspectos linguísticos, mas também aos fatores não linguísticos, tais como o contexto extratextual de comunicação em que este está situado. Nesse caso, o discurso toma o texto e o contexto juntos, porque ambos são vistos como geradores de interação de significado.

O texto é considerado como a manifestação material do discurso. Assim, o discurso é o processo de ativação de um texto ao relacioná-lo a um contexto de uso. Em outras palavras, o texto é o produto observável do discurso do locutor que, em troca, deve ser visto como um processo que tem sido criado, e daí o interlocutor buscará no texto as dicas que ajudaram a construir o discurso pretendido por quem escreveu ou falou. Desse modo, devemos conceber o discurso como algo que não se limita somente à estrutura da língua; ele está no âmbito social que está diretamente relacionado aos aspectos históricos. □Os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana □(FERNANDES, 2007, p. 20).

Com base nisso, o discurso estabelece relações de poder, pois, desde a época dos filósofos gregos, em que os sofistas propunham educar as pessoas preparando-as para o pleno exercício da cidadania, grande parte daqueles ensinamentos independentemente de que conteúdos se tratassem, consistia da técnica de bem compor discursos, de bem usar a palavra, de bem falar sobre todas as coisas. Naquele período, sob o regime democrático que florescia em Atenas, aquele que tivesse o domínio da palavra teria o domínio da assembleia e, dessa forma, o poder político. O discurso está relacionado à exterioridade da língua no que diz respeito ao social. Na sua compreensão, evidenciam-se os aspectos ideológicos e históricos à existência dos discursos nos diferentes contextos sociais. □O discurso não é a língua(gem) em si, contudo precisa dela para ter existência material e/ou real □(FERNANDES, 2007, p. 18).

A produção de discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída em toda a sociedade como maneira de estarmos subordinados ao poder de controle que ela exerce sobre nós. Pois, não podemos falar de qualquer coisa em quaisquer circunstâncias, sendo que, para que o discurso seja produzido,

ele surge a partir de um contexto delimitado pelo meio social, em que estamos inseridos por meio das relações de poder. Nesse sentido, o discurso está relacionado com o desejo e o poder.

O discurso □ como a psicanálise nos mostrou □ não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que □ isto a história não cessa de nos ensinar □ o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2008b, p. 10).

Podemos observar que o discurso é objeto de poder e de desejo. No entanto, para entrarmos na ordem desse, temos que obedecer às regras de FD, pois essas regras determinam aos sujeitos que falam e exercem papéis preestabelecidos. □ Produzido sob os signos do poder, o discurso inscreve as lutas, os confrontos de posições existentes na sociedade □ (SILVA, 2008, p. 38). Portanto, o discurso se produz nas esferas sociais das lutas não necessariamente através de classes, uma vez que o poder está em toda parte.

## 6. □ O sujeito não é o dono do discurso □

Na AD, o sujeito não é visto de forma individualizada no mundo. Ele é inserido em uma dada conjuntura social que recebe marcas históricas dessa sociedade. O sujeito é heterogêneo por ser constituído de um conjunto de diferentes vozes. O sujeito discursivo é □ constituído na interação social, não é o centro de seu dizer, em sua voz, um conjunto de outras vozes, heterogêneas, se manifestam. O sujeito é polifônico e é constituído por uma heterogeneidade de discursos □ (FERNANDES, 2007, p. 29). Há dois tipos de heterogeneidade: a constitutiva e a mostrada. A heterogeneidade constitutiva são as vozes que aparecem implicitamente na fala deste. Já a heterogeneidade mostrada é quando as vozes são marcadas no texto de forma explícita, isto é, por meio de comentários, citações, o uso de aspas ou itálico.

O sujeito discursivo é um ser social que está inserido em um espaço coletivo. Ele tem sua existência em um espaço social e ideológico em um determinado momento histórico e não em outro. Quando o indivíduo nasce, os discursos já estão em processo e é ele que deve entrar nesse processo. Desse modo, constata-se que o homem não é mais o dono de si e não tem existência fora da estrutura que o constrói. Esse lugar sócio-histórico são representados nas várias vozes do sujeito que são integrantes de dada realidade social. Portanto, é verdade que o sujeito do enunciado não pode ser reduzido aos elementos gramaticais, pois ele é determinado de acordo com certo momento histórico. Assim, a função enunciativa pode ser exercida por diferentes sujeitos.

Atravessado pela linguagem e pela história, sob o modo do imaginário, o sujeito só tem acesso a parte do que diz. Ele é

materialmente dividido desde sua constituição: ele é sujeito de e é sujeito à. Ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para (se) produzir sentidos ele é afetado por elas (ORLANDI, 2007, p. 48-49).

Como podemos observar, para se constituir como sujeito e produzir sentido no contexto social, o indivíduo se submete à língua e à história. Ele ocupa um lugar para ser sujeito daquilo que diz. Logo, o sujeito é dividido entre a ideologia e o seu inconsciente, ele não está preso a uma única FD. Ele constitui a sua identidade num processo contínuo, considerando a sua subjetividade psicológica individual juntamente com as marcas ideológicas que são influenciadas pela sociedade num dado momento da história no qual ele está inserido.

### **Considerações finais**

Com base no exposto, podemos dizer que a AD é um campo linguístico que oferece suporte ao estudo do discurso como objeto de análise na sociedade contemporânea. Esse campo vem ganhando cada vez mais espaço dentro das ciências sociais. Desse modo, na primeira fase da AD foi priorizado o discurso político e a análise era realizada de forma automática por meio de um computador que deveria expor as regularidades discursivas. Na segunda fase surge o conceito de FD como algo que determina o que pode e o que deve ser dito em uma dada conjuntura sócio-histórica em uma determinada época. Ademais, a terceira fase da AD é bastante significativa por trazer uma série de críticas às fases anteriores; consequentemente, apresenta-se com maior consistência.

Por fim, vivenciamos a quarta fase da AD em que se prioriza a prática, e os sujeitos não são apenas singulares e sociais, mas, por meio do discurso, são capazes de intervir no mundo. Por isso, o discurso não se limita somente aos aspectos linguísticos, mas representa a língua em sua exterioridade, a linguagem viva, atuante na sociedade. Isso mostra a relevância desse campo linguístico ao subsidiar pesquisas que ajudam a compreender a organização da sociedade contemporânea.

### **Referências**

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação de tradução Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Nelson Barros (Org). *Práticas discursivas: exercícios analíticos*. Campinas: Pontes Editores, 2005.

FERNANDES, C. A. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2008b.

MAZIÈRE, F. *Análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MUSSALIM, Fernanda. *Análise do discurso*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. v. 2

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, /04/2007.

SILVA, Francisco Paulo da. *Mídia e produção de sentidos: das traquinices que povoam o enunciado*. In: OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de; ALVES, Maria da Penha Casado; SILVA, Marluce Pereira da. *Linguagem e práticas sociais: ensaios e pesquisas*. Natal: EDUFRN, 2008.

Submissão em: 03/01/2013

Revisão em: 22/04/2013

Aceite em: 01/05/2013

*José Rosamilton de Lima* é Mestre em Letras pela Universidade do estado do Rio Grande do Norte. Endereço: Rua João Rodrigues da Costa. Nº 06. Centro. José da Penha/RN, Brasil. CEP: 59.980-000  
E-mail: [rosamiltonlima@hotmail.com](mailto:rosamiltonlima@hotmail.com)

*Ivanaldo Oliveira dos Santos*, é Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor adjunto II da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
E-mail: [ivanaldosantos@yahoo.com.br](mailto:ivanaldosantos@yahoo.com.br)